

## O DISCURSO HUMORÍSTICO EM QUADRINHOS

Mayara Barbosa Tavares<sup>1</sup>

Eliane Marquez da Fonseca Fernandes<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo visa à análise linguística, social, ideológica e discursiva da história em quadrinhos, sob a óptica da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 2006) e seus respectivos dispositivos teóricos, com base em autores que abordam, direta ou indiretamente, aspectos acerca do discurso humorístico, como Possenti (2001), Orlandi (1996; 2006) e outros. No presente estudo dá-se ênfase à contemporaneidade deste gênero discursivo, na sua temática social e ideológica e seus decorrentes discursos – homem/pai versus mulher/mãe; na questão da não-transparência da linguagem e do equívoco e na eventual produção de humor, com a finalidade de mostrar, teoricamente, a importância de se trabalhar este tipo de gênero como discurso lúdico, em sala de aula e, conseqüentemente, utilizá-lo na prática escolar.

**PALAVRAS-CHAVE :** História em quadrinhos. Ideologia. Sala de aula.

*“Alice Pesadêlo, sobre uma reportagem de jornal (“As histórias em quadrinhos são boas ou más?”): - Ora! Não são nem boas nem más! São histórias em quadrinhos!” (CIRNE, 1970, p.61).*

O presente artigo, em consonância com os pressupostos teóricos da Análise do Discurso (doravante AD), visa à análise linguística, semântica, social e ideológica dos quadrinhos que encontram-se, na íntegra, anexados ao término do trabalho.

Inicialmente, temos as seguintes questões: Quais as eventuais interpretações e os mecanismos discursivos utilizados para a produção de humor nos quadrinhos? E qual a sua correlação com os nossos estudos linguísticos e futuro campo de trabalho, a sala de aula?

Os quadrinhos são representações lúdicas, com personagens fictícios, encontrados, principalmente, na internet, com temática diversa, embasam-se, normalmente, em questões

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras e Linguística/UFG. Contato: mayarabtav@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística/UFG.

sociais em voga, referentes ao matrimônio, à sexualidade, à nacionalidade/naturalidade e outros. Portanto, discorrem acerca das atitudes e ações dos variados indivíduos envolvidos em nossa sociedade.

Os quadrinhos são constituídos “por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento” (RAMA e VERGUEIRO, 2008, p.35), geralmente, são compostos de linguagem verbal, textualmente impresso, e de linguagem não-verbal, desenhos das personagens, fatores estes que se complementarizam no auxílio à interpretação linguística-semântica-social-ideológica do texto em estudo.

A escolha do *corpus* para o referido trabalho tem por motivação a contemporaneidade da temática, pois pode-se encontrá-la facilmente em gibis e na *internet*, principalmente em sites de relacionamentos (*Orkut* e *blogs*) e de busca (*Google*), ou seja, um fácil acesso, e entretenimento agradável aos internautas, em especial, os adolescentes.

Para que a análise dos aspectos discursivos seja de fato iniciada, é de grande valia nos situarmos historicamente, no tocante à inserção dos estudos da Análise do Discurso.

Iniciada na França, na década de 1960, a Análise do Discurso, caracterizada como uma disciplina de entremeios (PÊCHEUX, 2006), se constituiu através das questões suscitadas por três domínios disciplinares, a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.

Da Linguística a AD vale-se do fato de que a “língua não é transparente; ela tem sua ordem marcada por uma materialidade que lhe é própria” (ORLANDI e LAGAZZI-RODRIGUES, 2006, p.13), no que concerne ao “como se diz, quem diz, em que circunstâncias” (ORLANDI, 2002, p.65), ou seja, ao pronunciarmos nosso discurso temos a ilusão de que o que é dito está “claro” e, conseqüentemente, o eventual interlocutor interpretará esse dizer de maneira unívoca, fato este que não condiz com a realidade, pois, ao contrário, a linguagem não é transparente, ela está aberta ao equívoco e a inúmeras interpretações, as quais variam de acordo com as circunstâncias de produção. Do Marxismo tomamos conhecimento de que o homem faz a história e que esta, também, não lhe é transparente, portanto temos a inserção do fator historicidade na análise do discurso, ou seja, ter-se-á a conjugação da língua com a história na produção de sentidos. E da Psicanálise, temos o deslocamento da noção de homem para a de sujeito.

É necessário atentar para fato de que mesmo sendo herdeira destas três áreas de conhecimento, a AD “não o é de modo servil” (ORLANDI, 2002, p.20), pois esta disciplina interroga

a linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

Portanto, em consonância com estas indagações, a análise do discurso, procura compreender “como um texto funciona, como ele produz sentidos”, visa “compreendê-lo enquanto objeto linguístico-histórico” e “explicitar como ele realiza a discursividade que o constitui” (ORLANDI, 2002, p.70); na AD procura-se entender “a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”; e com o estudo de seu objeto, o discurso – o qual, segundo M. Pêcheux, é o efeito de sentidos entre locutores –, observa-se “o homem falando” (ORLANDI, 2002, p.15).

Em consonância com Fernandes (2007), a construção teórica do discurso configura-se, basicamente, em três épocas distintas, as quais são sintetizadas por Pêcheux em AD1, AD2 e AD3.

Na primeira época da Análise do Discurso, o sujeito foi considerado como assujeitado, mas com a ilusão de ser a fonte de seu discurso. Na segunda época da AD, temos a inserção da noção de formação discursiva e de interdiscurso. E no terceiro momento da Análise do Discurso são colocadas diversas interrogações acerca do sujeito do discurso, do espaço de memória e sobre a própria Análise do Discurso. E é, nesta última época, que nos embasamos para o presente estudo, valendo-nos do “convite” feito pela Análise do Discurso, para que “olhemos por trás das palavras” e ainda constatemos “de que por trás das palavras pronunciadas outras são ditas” (FERNANDES, 2007, p.90). Será com este olhar, que analisaremos as possíveis ideologias que estão imbricadas no discurso das personagens dos quadrinhos em questão.

Portanto, através dos pressupostos teóricos da AD e através de uma “atitude dialógica que permite que os conceitos sejam extraídos do *corpus*” (BRAIT, 2003, p.27), partimos para a análise da história em quadrinhos anexada ao término do artigo, encontrada em sites de relacionamento, que exemplifica relações familiares, a qual é composta por três personagens – Timmy, criança de 06 anos, a Mãe e o pai, Bob.

Devido à construção discursiva feita por Timmy e a aparente falta de “contexto”, pois as decorrentes consequências e o eventual discurso - *tenho um problema com bebidas* - não teriam o mesmo efeito de sentido se tal discurso fosse empregado em uma sala de aula, na disciplina de matemática. Temos, no contexto domiciliar, a seguinte assertiva: **Timmy:** *Mamãe, eu tenho um problema com bebidas.*

Diante de tal enunciado, através da possível descontextualização (fora da sala de aula), que norteia a afirmação feita por Timmy e também com a interpretação prematura, a antecipação – “capacidade que todo locutor tem de colocar-se na posição de seu interlocutor experimentando essa posição e antecipando-lhe a resposta” (ORLANDI, 2006, p.16) - feita pela Mãe, que nesse caso específico, deu-se de maneira equivocada, o discurso da criança, enquanto filho, desencadeia uma série de outros discursos, com destaque para o discurso feminino, de mãe – aquela que é responsável pela criação dos filhos (as), juntamente com o apoio paternal – em contraposição, embate, com o masculino, de pai – no qual pressupõe-se que a educação dos filhos é de inteira responsabilidade maternal, sendo ele o responsável “somente” pelos aspectos financeiros.

E em consonância com tais discursos partiremos para a análise ideológica contida em cada um destes, pois como afirma Fernandes (2007, p.29), “linguagem e ideologia são vinculadas, esta materializa-se naquela”, portanto, é através dos discursos da mãe e do pai, que podemos perceber suas respectivas formações ideológicas, – conjunto complexo de atitudes e de representações “que não são nem “individuais” nem “universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflito umas com as outras” (FERNANDES, 2007, p. 65).

De um lado, temos o discurso feminino e, também materno, que expõe as seguintes premissas: 1. Os homens/pais não se dedicam o suficiente ao núcleo familiar, por isso quando surge algum problema, uma possível fuga do fluxo normal familiar, a culpa recairá naquele que se encontra menos presente, neste caso o homem/pai, como é exemplificado nas falas: “*Isso é culpa sua, Bob!*” ; 2. A mulher-mãe é “autosuficiente” para a criação e sobrevivência dela e de sua família (filho), ou seja, pode ser mãe-pai, e diante da insensibilidade e irresponsabilidade masculina, que tem como única função sobrecarregá-la com inúmeras atividades – esposa, mãe, dona de casa e outros –, o melhor é viver sem a presença domiciliar

do homem/pai, e daí decorrer o fato de que “*Vai dar tudo certo. Nós ficaremos bem sem o papai*”.

Já em contraposição a esse discurso tipicamente, ou melhor, estereotipado, feminino, o qual fundamenta-se nas formações discursivas – as quais referem-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas (FERNANDES, 2007, p. 64) – tem-se o discurso masculino, e nesse caso específico, também paternal. Através da análise desse discurso, podemos abstrair as seguintes premissas ideológicas: 1. A culpa não é do homem/pai, que trabalha arduamente para o sustento da família – “*Eu não tenho feito nada além de me dedicar a essa família, e recebo isso em troca?*”, mas sim da mulher/mãe, a qual possui emprego fora dos aposentos domiciliares e, por isso deixa “desamparada” sua família, marido e filho, como é perceptível na fala proferida por Bob: “*Minha culpa?! Talvez se você passasse mais tempo com ele!*”; 2. Já que os esforços masculinos não são devidamente reconhecidos pela família, o que ele, como homem, dotado de orgulho, deve fazer é retirar-se daquele núcleo que não reconhece seus méritos – “*EU VOU EMBORA!!*”, e talvez até constituir outra família que o valorize.

Portanto, a premissa maior – a proposição que subjaz às demais – que podemos abstrair da história retratada nos quadrinhos, a qual circunda toda a narrativa, deixando temporariamente o fato de se tratar de um equívoco de dimensão linguístico-interpretacional, é que diante de um problema familiar, o alcoolismo da criança/filho, que só tem seis anos (será que com outra idade não teria problema?!), fator este desarmônico, (re) surge a temática social a respeito das relações familiares, pois com o advento da mulher, o machismo e as demais transformações na estrutura social familiar, muitos casais, devido à falta de tempo, iniciam, na maioria das vezes, diante de determinadas eventualidades, principalmente quando o assunto remete-se à criação dos filhos, uma série de transferências de culpabilidade e expõe tensões acumuladas a tempo, explicitando a luta entre classes, homem/pai versus mulher/mãe.

Por conseguinte, diante de todas estas considerações realizadas a cerca da temática ‘família’, é visível que a série de discussões entre homem/pai e mulher/mãe decorre dos estereótipos que permeiam nossa sociedade, pois em consonância com Fiorin (2001, p.55) , “os estereótipos só estão na linguagem porque representam a condensação de uma prática social”, que neste caso em estudo, refere-se à questão da família idealizada, ou seja, composta

por pai, mãe e filho (s), convivendo em perfeita harmonia, a qual opõe a retratação feita na tira em quadrinhos.

Contudo, é perceptível a concomitância entre os discursos e as ideologias em voga na presente sociedade, tanto a do texto em estudo quanto à nossa, enquanto sujeitos socialmente inseridos, pois temos a exposição de discursos em um dado momento sócio-histórico-ideológico – feminino/maternal versus masculino/paternal - que “surgem a partir de outros discursos já construídos, cristalizados e cujas condições de produção foram apagadas” (FIORIN, 2001, p.19), ou seja, estes discursos estão esboçados na tira de quadrinhos, mas não foram proferidos primeiramente naquele momento, na tira em análise, ao contrário, estão imbricados socialmente há muito tempo, e seus aspectos históricos, sociais e ideológicos originários nos são desconhecidos.

Temos também, no que tange à noção de autoria, o fato de os quadrinhos não possuírem especificado um(a) autor(a), o que evidencia que “existem discursos que se dizem – que são ditos por todos – , dadas certas condições, sem que sua origem esteja relacionada a um indivíduo de forma relevante” (POSSENTI, 2001, p.37).

Já com relação à questão linguística, da maneira como as palavras estão dispostas linguisticamente, e por conseguinte semântica, é possível dizer que os sentidos do período “*eu tenho um problema com bebidas*”, são compatíveis tanto com um problema pessoal com bebidas, alcoolismo, quanto com um problema matemático envolvendo bebidas, quantidades, pois em consonância com Fernandes” (2007, p.21), “uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico. Portanto, é a partir dessa assertiva que decorrerá “a tarefa do leitor/ouvinte” de “perceber a diferença entre a mais provável interpretação do texto e a esperta seleção alternativa do interlocutor” (POSSENTI, 2001, p.56), ou seja, para a compreensão do humor presente na tira em quadrinhos, o leitor/ouvinte inicialmente irá interpretar como um problema pessoal de Timmy, o alcoolismo, para assim compreender toda a discussão estabelecida entre homem/pai e mulher/mãe, e logo em seguida, com o término da narrativa, pela fala de Timmy, surpreender-se, juntamente com a mãe, com o sentido de problema matemático e por fim, compreender, de fato, o humor da piada que girará em torno do equívoco, pois em consonância com Sírío Possenti (2001, p.126), “fazer humor é basicamente produzir um equívoco, ou, melhor, desnudar um equívoco possível”, ou seja, é através do equívoco inicial decorrente da assertiva ambígua proferida por

Timmy no decorrer da historinha, e sua desnudação ao término, que se instaurará o humor. Fato este que concorda com a afirmação de que a “ideologia é um ritual com falhas e a língua não funciona fechada sobre si mesma: abre para o equívoco” (ORLANDI e LAGAZZI-RODRIGUES, 2006, p.20); portanto, ao proferirem os seus discursos, as personagens deixam transparecer suas formações ideológicas, as quais se materializam na língua, e consequentemente, ter-se-á “espaço” propício para o equívoco. Enfim, ambos, Timmy e sua Mãe, contribuem para a ocorrência deste, pois a criança suprime algumas palavras que auxiliaria na interpretação do enunciado, e a mãe, precipita-se e interpreta equivocadamente, desencadeando, as já retradas, discussões conjugais.

Contudo, o possível equívoco é “sanado” ao término da tira, ou seja, no último quadrinho, no qual a personagem Timmy, dá continuidade à sua fala inicial, do primeiro quadro, e altera toda a interpretação realizada pela sua mãe, seu pai e nós, leitores, o que evidencia o fato de que, em consonância com Possenti (2001, p.15):

[...] os sentidos não são unívocos, não são transparentes, e não podem representar as intenções dos falantes, pois decorrem não de uma relação transparente entre som e sentido, mas, ao contrário, de um desequilíbrio entre os dois componentes do signo, desequilíbrio esse que favorece o significante, tornado uma espécie de máquina imprevisível de produção de sentidos.

Ou seja, essas eventuais interpretações não são aleatórias, livres, ao contrário, elas seguem determinadas regras, que remetem ao contexto e suas condições de produções, portanto, o problema com bebidas de Timmy possui essas duas vertentes (alcoolismo e matemático), sendo passíveis de ocorrência através dos pressupostos de que “a linguagem [...] não é transparente, nem o sentido evidente” (ORLANDI, 1996b, p.48) e de que os “sentidos não se fecham, eles jogam com a ausência, com os sentidos do não-sentido” (idem, p.09), aliados, juntamente, aos nossos conhecimentos prévios específicos acerca da temática.

E para concluirmos, na tentativa de conciliarmos a teoria, no caso a análise do discurso, e a prática, educacional, para nós, futuros (as) professores (as) de língua portuguesa, que inicialmente teremos contato, na prática docente, com alunos dos ensinos fundamental e médio, com predominância de adolescentes, essa é uma boa alternativa, e consequente, metodologia, a ser utilizada por nós em salas de aula, com o propósito de cindir interativamente, os contextos, aula-internet-língua, e objetivar a o ensino/aprendizado e o uso

proficiente da língua portuguesa. Pois o discurso lúdico, a tira de quadrinhos, “o uso da linguagem pelo prazer” (ORLANDI, 1996, p.154), oferece-nos, também vastas possibilidades e temáticas a serem abordadas, atentando-nos sempre que, em consonância com Umberto Eco, “não se pode justificar uma estória em quadrinhos ruim só porque é estória em quadrinhos” (CIRNE, 1970, p.23), ou seja, é necessário despir-nos de possíveis (pre)conceitos com relação ao humor (discurso lúdico) e às histórias em quadrinhos e aproveitarmos seu rico repertório linguístico, histórico, social, ideológico, dentre muitos outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIT, B. O Discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, M. R. ; BARONAS, R. *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. 2ªed. São Carlos: Claraluz, 2003.

CIRNE, M. *A explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CYANIDE & HAPPNISS. Disponível em : <http://blogtirinhas.blogspot.com>. Acessado em: 28 agosto, 2009.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. Ática: São Paulo, 2001.

FERNANDES. C. A. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 2ªed. São Carlos: Claraluz, 2007.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1996.



ORLANDI, E.P. ; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.) *Introdução às ciências da linguagem: Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006, p. 13-28.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni. P. Orlandi. 4 ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

POSSENTI, S. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, A. ; VERGUEIRO, W. (Orgs.) *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2008.



# ANEXOS



Cyande and Happiness © Explosm.net